

Tecnologia e Patologia: um diagnóstico da vida pós-moderna.

Leonardo Silveira Maika

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0000-0001-9368-4234>

Resumo: O presente artigo toma como base o conceito de Sociedade do Cansaço de Byung Chul Han para tratar das novas síndromes do século XXI. A abordagem buscará problematizar as novas tecnologias e relacioná-las com o diagnóstico de Zygmunt Bauman sobre nossos tempos, de modo a analisar as variáveis técnicas introduzidas pelas novas tecnologias a partir da popularização da internet. Em conjunto será tratado o momento pandêmico em que vivemos, de modo que possamos entender como as relações digitais impostas pela pandemia de SARS-COV-2 catalisaram o adoecimento psicológico dos indivíduos. O objetivo deste trabalho é demonstrar que os avanços conquistados pela indústria tecnológica e suas técnicas aplicadas ao uso de seus produtos conduziu para uma sociedade mais conectada, porém mais individualizada, em que as relações se tornaram frágeis e novas síndromes passaram a acometer os indivíduos que dela participam. Deste modo, entenderemos os mecanismos de controle e os efeitos desta cultura massificada, na qual as fronteiras se estreitaram, as diferenças se achataram e os vínculos e a autonomia se perdem. Para endossar as ideias expostas no estudo, veremos como essas síndromes acometem indivíduos diariamente, complementando o conteúdo do texto com a participação da Psicóloga Pamela Ruthes, que trará sua visão clínica das patologias neuronais da sociedade do cansaço.

Palavras-Chave: Sociedade do Cansaço, Tecnologia, Patologia, Coletivo Chuang, Síndromes.

Abstract: This article is based on the concept of the “The burnout society” Byung Chul Han to address the new syndromes of the 21st century. The approach will seek to problematize the new technologies and relate them to the diagnosis of Zigmunt Bauman about our times, in order to analyze the technical variables introduced by the new technologies from the popularization of the internet. The objective of this work is to demonstrate that the advances achieved by the technological industry and its techniques applied to the use of its products, produced a more connected society, however, more individualized, where relations became fragile and new syndromes started to affect this new world. In this way we will understand the control mechanisms and the effects of this mass culture, where the borders have narrowed, the differences have become flattened and the bonds and autonomy have been lost. To endorse the ideas exposed in the study, we will see how these syndromes affect individuals on a daily basis. In this way, we will have the participation of the Psychologist Pamela Ruthes, who will bring her clinical vision of the neuronal pathologies of the tired society.

Keywords: Burnout Society, Technology, Pathology, Chuang Collective, Syndromes

A PÓS-MODERNIDADE E OS ELEMENTOS QUE A CONSTITUEM

O grande salto tecnológico dado no pós-guerra evidenciou que nossa sociedade entrará em uma nova corrida contra o tempo. Esta condição contemporânea pode ser marcada pela corrida espacial e bélica das duas grandes potências mundiais, Estados Unidos e União Soviética (atual Rússia), a qual dividiu o mundo em duas zonas de influência. As tensões geopolíticas instauraram um medo constante nas sociedades, e a individualidade começou a brotar dentro das pessoas. O primeiro sintoma criado e alimentado pela pós-modernidade, o medo do outro, criou o campo ideal para o desenvolvimento acelerado e em proporções cada vez maiores de tecnologias voltadas para uma guerra travada silenciosamente dentro de laboratórios e centros comerciais.

O conflito ideológico e geopolítico mobilizou o mundo, com o investimento em novas técnicas de guerra, que derivou na tensão instaurada pelo *mutual assured destruction* (MAD) e fez com que a destruição mútua fosse vista como um fator preventivo em um conflito direto em grande escala entre dois grupos de superpotências. Além do desenvolvimento de arsenais nucleares e da mobilização militar convencional, meios indiretos como a guerra psicológica, as campanhas de marketing, as atividades de espionagem, os embargos econômicos de longo alcance, a competição em eventos esportivos e as competições técnicas constituíram a estrutura da Guerra Fria.

Esta lógica desenvolvida durante este conflito “silencioso” estruturou a base fundamental que molda a sociedade contemporânea. A pós-modernidade ou modernidade líquida é configurada, segundo Bauman, como:

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados ... Não podemos mais tolerar o que dura. (BAUMAN, 2001, p. 03)

Estes elementos formaram uma sociedade voltada para uma competitividade que se aproveita da mobilização das guerras mundiais, derivando no desempenho e na melhoria contínua, segundo a qual os indivíduos começam a trabalhar empenhados e motivados por uma ideologia, e acabaram tornando-se indivíduos de desempenho.

Contudo, precisamos caracterizar a pós-modernidade, classificar seus pontos fundamentais e entender que fatores, além da Guerra Fria, definiram os moldes do novo mundo. A tecnologia sem dúvida se fará presente, pois ela se infiltra e, até mesmo torna-se, uma extensão do indivíduo. Mas não podemos nos esquecer dos fatores históricos que possibilitaram essa nova simbiose entre o homem e a máquina.

O primeiro grande eixo que configura a pós-modernidade é a Economia Exclusivista a partir de um ultraliberalismo característico da quarta fase da globalização. Nesta fase, temos como referência a queda do muro de Berlim, fato histórico que encerrava a Guerra Fria e dissolvia a antiga URSS, assim o mundo estava prestes a reconfigurar uma Nova Ordem Mundial, e como algo indissociável a globalização também atingiu um novo estágio. Esta reconfiguração deu-se devido ao avanço do sistema capitalista, considerando sua influência e presença que se estendeu ao globo. Seguindo a lógica do filósofo e economista Adam Smith, os estados detentores dos monopólios de informação e capital (algo hoje indissociável), expandiam seu poder e aumentavam sua riqueza, ao passo dessas oportunidades geradas pelo novo mundo.

Um ponto fundamental refere-se ao período de transição do capitalismo industrial para o capitalismo da informação e do conhecimento, transição que deriva no monopólio da propriedade ao acesso à informação e da inclusão aos meios digitais. Este fato é a semente de uma nova sociedade baseada na positividade, que “já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção.” (HAN, 2015, p.15).

Conforme a globalização estreita as fronteiras espaciais, “a comunicação digital se caracteriza pelo fato de que as informações são produzidas, enviadas e recebidas sem mediação por meio de intermediários” (HAN, 2018, p.35), com o uso de tecnologias amplia-se o fluxo de informações, evidenciando que o poder técnico-informacional está mal distribuído devido à concentração nos estados mais desenvolvidos, nos quais grandes empresas de tecnologia, ainda hoje conhecidas, fizeram o mercado tecnológico se desenvolver em pouco tempo. O *boom* informacional, a partir da década de setenta, refez toda a lógica de mercado mundial. Empresas como *Microsoft*, *Apple*, *Google*, *Amazon* e *Facebook* detêm o monopólio mundial da informação e são o exemplo contemporâneo das marcas da economia exclusivista na qual a pós-modernidade se encontra imersa.

Segundo Han, nós “hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos (2018, p.36), fato este que aumenta a quantidade de informação e, conseqüentemente, o capital dos monopólios da informação. Deste modo, vemos que os dados são o novo capital da sociedade contemporânea, portanto as tecnologias e redes são o meio pelo qual se faz possível a obtenção das informações. Contudo, este fato não seria possível sem o segundo eixo pelo qual opera a pós-modernidade, o da cultura massificada.

A expansão dos domínios ultra neoliberais ganhou um forte aliado com as culturas de massa, isto é, “o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade” (ADORNO, 2009, p. 06). O mecanismo de achatamento e homogeneização das massas por meio da indústria cultural formatou o indivíduo pós-moderno, caracterizado como sujeito do desempenho:

A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural de hoje não tem necessidade de ser explicada em termos psicológicos. Os próprios produtos, desde o mais típico, o filme sonoro, paralisam aquelas capacidades pela sua própria constituição objetiva. Eles são feitos de modo que a sua apreensão adequada exige, por um lado, rapidez de percepção, capacidade de observação e competência específica, e por outro é feita de modo a vetar, de fato, a atividade mental do espectador, se ele não quiser perder os fatos que rapidamente se desenrolam à sua frente. (ADORNO, 2009, p. 10)

O indivíduo dominado e condicionado a consumir superficialmente os produtos do mercado, carece da atividade contemplativa, fato que Han irá trazer como hiperatenção. O sujeito está tão imerso nas informações e nos estímulos enviados que sua atenção, ao mesmo tempo em que é exigida, é também furtada pelo excesso de dados, é como se sobrecarregássemos nossos sentidos a um ponto que alguns deles precisem ser desligados momentaneamente para que continuemos ligados. Assim, os dispositivos e “novos meios de comunicação são dignos de

admiração, mas eles causam um barulho infernal” (HAN, 2018, p.42), de modo que o silêncio, condição necessária para vida contemplativa, segundo Han é destruído.

O popular *multitask*, isto é, a função que possibilita a execução de várias tarefas ao mesmo tempo, é o fruto dos mecanismos de controle introduzidos pela indústria cultural, no qual há a sobrecarga de estímulo em troca de pouca reação ao mesmo, faz com que o indivíduo adquira a síndrome de fadiga de informativa. Esta nova patologia, tão presente nos dias de hoje, foi explicada em 1996 pelo psicólogo David Lewis, e ele a define: "Quando as pessoas se deparam com mais informação do que têm capacidade de processar, tornam-se incapazes de tomar decisões. O resultado é irritabilidade, sentimento de impotência e aumento da tensão" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000, Informação demais adoce), muito semelhante à intenção da superficialidade gerada pela massificação cultural. A dominação silenciosa sob o crivo da nova economia globalizada agora exerce controle absoluto sobre os corpos e as mentes, com a administração das ferramentas de controle, criaria o “Show de Truman” globalizado, em que o sistema opera, segundo Adorno:

Subordinando do mesmo modo todos os ramos da produção espiritual com o único fito de ocupar — desde a saída da fábrica à noite até sua chegada, na manhã seguinte, diante do relógio de ponto — os sentidos dos homens com os sinetes dos processos de trabalho, que eles próprios devem alimentar durante o dia, a indústria cultural, sarcasticamente, realiza o conceito de cultura orgânica, que os filósofos da personalidade opunham à massificação. (ADORNO, 2009, p. 14)

Portanto, os resquícios do controle imposto pela indústria cultural identificada pela abordagem Frankfurtiana, somados ao modelo econômico exclusivista e pelo ultraliberalismo do mundo globalizado, formatam os eixos pós-modernos, aos quais adicionarei o eixo-sintoma deste novo mundo: a sociedade empreendedora.

A partir da sistematização dos meios de controle produtivo e comportamental, a síntese destas duas formas de controle precisaria acontecer

sutilmente. Os modelos de organização da produção herdados da segunda revolução industrial foram felizes no seu objetivo, isto é, conseguiram introduzir um novo ritmo de trabalho aliados a uma hierarquização negativa baseada na mecanização e distribuição de tarefas. Contudo, a pós-modernidade reinventaria esse modelo, agora baseado na autoexploração e livre iniciativa. Segundo Han: “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho” (HAN, 2015, p. 14); e, nesta sociedade, os indivíduos não mais se consideram “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de atuação e produção, da livre iniciativa empreendedora. Ressalto uma tensão entre o conceito de sociedade de desempenho, de Han, e a sociedade disciplinar, de Foucault, para esclarecer que a disciplina advinda das instituições disciplinares e a sua permanência na sociedade pós-moderna, contudo, ela “não pode descrever as modificações psíquicas e topológicas que se realizaram com a mudança da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho” (HAN, 2015, p. 14). Os mecanismos de controle cultural e econômico se reinventaram e a máxima disciplinar da proibição que se apresenta como “projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015, p. 14). Os corpos doces de Foucault foram internalizados em um inconsciente social, mas não superados. O esquema disciplinar da negatividade, ao atingir seu limite, precisa fazer a manutenção do corpo produtivo e introduzir uma nova variável no sujeito.

Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. (HAN, 2015, p. 15)

Deste modo, os corpos dóceis vindos da sociedade disciplinar foucaultiana, sofrem um novo impacto pós-moderno em que se explicita a contradição e o choque da produção constante do novo, isto é, um *self-improvement* proporcionado

pela indústria cultural, que faz o uso da mesma técnica de controle com novas roupagens.

Eles nos exploram ainda mais eficientemente na medida em que eles, por causa de sua mobilidade, transformam todo lugar em um local de trabalho e todo tempo em tempo de trabalho. A liberdade da mobilidade se inverte na coação fatal de ter de trabalhar em todo lugar. Na era das máquinas, o trabalho, simplesmente por causa da imobilidade das máquinas, era delimitável em relação ao não trabalho. (HAN, 2018, p.65)

As correntes não sumiram, elas só nos permitem chegar mais longe sem que percebamos quem nos acorrenta, de forma que “as coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasas e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação” (HAN, 2017, p.11) Assim, a exploração que se dava por meio negativo e externo agora opera de modo silencioso e sutil, enfatizando que “sempre se fala de ideia, novidade e surpresa, de alguma coisa que ao mesmo tempo seja plenamente familiar sem nunca ter existido” (ADORNO, 2009, p. 16). No fim, não há novidade nenhuma, o que há é somente exploração, esta que o indivíduo do desempenho acostumado e já dócil começa a se auto infligir, “pois só o triunfo universal do ritmo de produção e de reprodução mecânica garante que nada mude, que nada surja que não possa ser enquadrado” (ADORNO, 2009, p. 16-17); e, acrescente-se, tal como previsto pela sociedade do desempenho. O estágio disciplinar é potencializado pelo poder positivo da livre iniciativa e autoempreendimento, mediante a um sistema que “submete todos os seus processos a uma coação por transparência, para operacionalizar e acelerar esses processos” (HAN, 2017, p.12). O sujeito que antes não podia nada, agora pode tudo, mas ainda tem o dever como um traço que mantém o corpo produtivo e social dócil. Este dever que incessantemente busca o desempenho, moldará o quadro patológico comportamental do século XXI.

Ao entregar-se a livre iniciativa do *self-improvement*, o indivíduo passa a exercer uma autoexploração, segundo a qual o “agressor e [a] vítima não podem mais ser distinguidos.” (HAN, 2015, p. 17). Esse paradoxo gerado pela sociedade do desempenho é o gerador do quadro patológico pós-moderno, em que a performance é, justamente, a manifestação do adoecimento massivo dessa liberdade contraditória.

O desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades. É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade. (HAN, 2015, p. 10)

Vivemos em uma sociedade em que o exagero é estético. A sobrecarga de trabalho, fundamentada na premissa de que o indivíduo se torna capaz de tudo por si mesmo, constrói uma sociedade extremamente individualizada, na qual os sujeitos autocentrados tornam-se incapazes de considerar as necessidades dos outros. Diante desse panorama, levanta-se a questão: haverá liberdade no contexto em que o mercado é livre e o lucro impera sobre a ética?

ADAPTAR-SE A UMA SOCIEDADE DOENTE, É ADOECER JUNTO A ELA.

O novo mundo pós-moderno opera sob as ferramentas opacas do controle cultural, o qual “continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhes prometem” (ADORNO, 2009, p. 21), anúncios, propagandas, livros e outras infinitos meios de entretenimento mascaram a nova doutrina do desempenho. Fórmulas mágicas de como ser feliz ou de como criar um novo hábito vendem bem em uma sociedade acometida de um quadro patológico do “neuro-enhancement”. Nossa capacidade performática, ao ser fundamentada na perspectiva foucaultiana dos corpos dóceis e mantida sobre a lógica do

desempenho, constituiu indivíduos disciplinados e ainda mais ativos e produtivos, sob a máxima do podemos tudo por nós mesmos.

Situando a nossa perspectiva patológica da sociedade contemporânea, é necessário trazer à tona e paralelamente discordar do que Han, que propõe uma superação da “época viral”. Em seu livro *Sociedade do Cansaço*, ao abrir o primeiro capítulo intitulado “Violência Neuronal”, o autor discorre:

Graças à técnica imunológica, já deixamos para trás essa época. Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (Tdah), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho. (HAN, 2015, p. 07)

Por uma terrível coincidência, vivemos em uma época viral neuronal, na qual as patologias virais serviram como uma evidenciação do contraste das crises neuronais. A violência imposta pelo quadro socioeconômico ditado pelas novas relações de trabalho trouxe a produtividade a níveis excessivos, nos quais a autoexploração é mascarada pela inovação e pela liberdade empreendedora.

Não poderíamos deixar de fora o atual cenário pandêmico de SARS-COV-2 (Covid-19) ao abordar o tema patologia. O caos gerado pela pandemia no início de 2020 acometeu o mundo e trouxe uma configuração propícia para o recrudescimento dos quadros de doenças neuronais, que se mostram cada vez mais presentes na sociedade. Sempre levadas como tabu ou negligenciadas pela maioria das pessoas, essas doenças são indiscutivelmente síndromes do mundo pós-moderno.

A adaptação dos indivíduos às mudanças cada vez mais rápidas e direcionadas para uma lógica ultraliberalista, a qual já porta o patógeno do

desempenho, faz com que os indivíduos adoeçam junto ao meio em que estão inseridos. Retomo ao que resume a relação contemporânea, em que Han ao referir-se a Baudrillard, sintetiza que “Quem vive do igual, também perece pelo igual”, evidenciando que a sociedade do consumo, isto é, tanto do consumo de recursos naturais quanto do consumo digital, perecem por sujeitar-se e também, silenciosamente, por se sujeitar à homogeneidade patológica a que tentem os que assumem a máxima do desempenho.

O poder alcança grande estabilidade quando surge como “a gente”, quando se inscreve na “cotidianidade”. Não a coerção, mas a automação do hábito aumenta sua efetividade. Um poder absoluto seria aquele que nunca aparecesse, que nunca fosse assinalado, que ao contrário, se fundisse completamente na auto-compreensibilidade. O poder resplandece pela ausência. (HAN, 2019, p. 91)

O movimento de autocompreensão da sociedade pós-moderna conduz ao entendimento do desenvolvimento tecnológico e do modelo econômico exclusivista, que expandem seus domínios para as tecnologias de informação e comunicação. Conjuntamente, as tecnologias e os novos mecanismos de comunicação erigiram o novo panóptico digital, que consolidou o que denomino “vigiar e produzir”.

Sob a nova mecânica de produtividade na qual o empreendedorismo se torna até mesmo o dono do negócio, um indivíduo do desempenho se reestrutura a partir de campos de trabalho ambulantes, em que “o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho.” (HAN, 2015, p. 25). Não há mais diferença entre o privado e público (as tecnologias nos furtaram essa possibilidade) e agora não possuímos delimitações físicas que antes constituíam o local de exercício de nossos ofícios. Temos o campo fértil para a produção do quadro patológico moderno.

O SÉCULO XXI E SUAS PATOLOGIAS

Evidentemente que as transformações e inovações tecnológicas e científicas trouxeram grandes benefícios para nossa sociedade. Não podemos ignorar que nossas vidas se tornaram muito mais cômodas, práticas e ágeis com a modernização dos meios de comunicação e os aparelhos tecnológicos. Grandes coisas só são possíveis hoje, por consequência de processos cumulativos de implementações tecnológicas.

Contudo, esse avanço e essa praticidade cobram um preço de seus consumidores e, seguindo a lógica do desempenho, vivemos em duas grandes pandemias. A primeira, a SARS-COV-2 (Covid-19), uma pandemia causada pelo avanço capitalista do homem sobre a natureza, que causou um *Circuit Breaker* nessa sociedade do desempenho. O impacto social e econômico em que a atual pandemia colocou grande parte da população mundial, trouxe consigo a mudança de hábitos e uma, não tão nova, resposta para adaptar-se à nova realidade. As relações de trabalho tiveram que subitamente se reinventar, e as sociedades que ainda não possuíam a infraestrutura e a cultura informacional, precisaram responder rapidamente a nova demanda. Esses novos tempos levantaram a dúvidas acentuadas no imaginário popular: O que vai acontecer comigo? Meus filhos, família e amigos? Teremos comida suficiente? Eu serei pago? Vou conseguir pagar o aluguel? Quem é responsável por tudo isso? (CHUANG, 2020, p. 18).

A máquina capitalista não pode parar, e o *Circuit Breaker* se beneficiaria da lógica do desempenho para que, voluntariamente, os indivíduos reestabelecessem o *modus operandi* produtivo e conseguissem responder às perguntas que foram levantadas. Da mesma forma, na visão de Han, a própria organização social parece clara: uma sociedade de desempenho hiperativa só pode produzir indivíduos cansados. Portanto, a prevalência de sofrimento psicológico está diretamente relacionado ao desempenho profissional, que abrange todos os aspectos da vida humana.

Portanto, um dos efeitos que temos com a pandemia de Covid-19 é a quarentena, meio pelo qual evitamos o contato para que possamos diminuir a curva de infecção e, com isso, desenvolver os meios para a cura da mesma, por meio da imunização proporcionada pelas vacinas. Contudo, uma sociedade que, acostumada a estar em uma velocidade produtiva cada vez maior, ao ser obrigada a interromper esta aceleração contínua e, ao se chocar contra a imobilidade exigida pela quarentena, produz efeitos massivos na população.

A atual pandemia não se desvincula do processo de evolução tecnológica, motor das sociedades pós-modernas. Os processos produtivos, alavancados pelo progresso tecnocientífico, criaram uma mobilização produtiva que, por sua vez, resulta em pressão evolutiva. O agronegócio e a urbanização catalisaram o evento pandêmico em que vivemos, na medida em que:

Não é por acaso que muitos desses vírus assumiram o nome de animais: a disseminação de novas doenças para a população humana acontece através da chamada transferência zoonótica, que é uma maneira técnica de dizer que essas infecções saltam dos animais para os humanos. (CHUANG, 2020, p. 23)

Isso fornece um meio pelo qual mais e mais pragas destrutivas possam surgir, transformar e induzir a se transformar e realizar o salto zoonótico e, então, se espalhar ativamente pela população. Evidentemente que o progresso tecnocientífico e a grande modernização dos meios produtivos alcançariam colapsos cada vez mais rápidos. A insustentabilidade produtiva já evidenciada pelo atual cenário pandêmico, não é o primeiro e, acompanhando a intrusão do homem sob os espaços naturais, não será a última grande pandemia que veremos.

Para exemplificar a sucessão nada aleatória da incidência de pandemias historicamente, destaco as pandemias ocorridas na Inglaterra do Séc. XVIII. A origem comum entre elas seria o gado infectado e a reorganização produtiva que gerou a “expulsão em massa de camponeses da terra, que passou a ser dedicada às monoculturas de gado” (CHUANG, 2020, p. 29). Essa nova configuração pecuária

se expandiria pela Europa continental e encontraria local propício para sua intensificação e alastramento. O ambiente que o vírus encontrou para se desenvolver foram os Laticínios de Londres, contudo, a resposta viria de forma rápida com o abate em massa e a adoção de práticas da medicina moderna (basicamente semelhante à maneira como lutamos contra essas epidemias hoje). Mas, o que a princípio ocasionaria uma seletividade genética, que obrigaria os vírus a evoluírem mais rápido e de forma mais violenta em seus hospedeiros, criou a resposta contemporânea às crises:

Esta é a primeira instância do que se tornaria um padrão claro, imitando o das próprias crises econômicas: colapsos cada vez mais intensos que parecem colocar todo o sistema em um precipício, mas que são superados por meio de uma combinação de sacrifício em massa que limpa o mercado / população e de uma intensificação dos avanços tecnológicos – nesse caso, as práticas médicas modernas somadas às novas vacinas, muitas vezes chegando tarde demais, mas mesmo assim ajudando a limpar as coisas após a devastação. (CHUANG, 2020, p. 30)

Esse foi um dos muitos outros exemplos de pandemias, que foram e ainda são ocasionados pela combinação perigosa da intrusão do homem na natureza e respostas rápidas a problemas complexos, que historicamente constituem grandes desastres mundiais, tal como no caso das pandemias.

Concluo com essa breve análise pandêmica da Covid-19, que a sociedade pós-moderna do desempenho de Han é uma consequência do desenvolvimento tecnocientífico e de suas respostas simples a problemas complexos. As evidências da lógica performática voltada para a economia e seus derivados já apresentou colapsos patológicos significativos historicamente, sendo necessário compreendê-la em seu estado mais capilarizado, no qual o desempenho acomete os sujeitos e cria o segundo cenário pandêmico que nos encontramos: a pandemia neural.

A segunda grande pandemia que vivemos é a dos colapsos mentais ou das doenças psicológicas, provenientes também dos avanços tecnológicos e dos elementos constituintes da pós-modernidade. As fundações morais sustentadas em

uma cultura do desempenho, na qual os indivíduos cada vez mais são impulsionados a elevar seu padrão de produção econômica e informacional, cria um paradoxo de mais criação de informação para consumo.

Novas síndromes e o aumento da incidência de quadros clínicos provenientes desse novo modelo social endossará a entrevista com a Psicóloga Pamela Horst Ruthes, na qual poderemos ver, na prática, alguns dos perigos e entender a relação entre a tecnologia e o sujeito nos dias de hoje. Como já vimos, a lógica do desempenho e as relações parasitárias em que estamos inseridos no mundo digital, criam um mundo novo, e, com isso, novas respostas precisam ser dadas a essas novas relações. A procura por melhoria da saúde mental e de afastamento em relação aos barulho tecnológico nunca foi tão requisitada.

A partir destas inquietações, interrogamos a psicóloga Pamela Ruthes sobre o impacto psicossocial da vida digital e as ferramentas que emergem desse mundo interconectado, a fim de trazer possíveis respostas para as doenças neuronais, tais como: a ansiedade, o *burnout*, a depressão etc. Não pudemos deixar de lado o momento pandêmico em que nos encontramos, pois a necessidade gerada pelo isolamento social serviu de catalisador para a imersão e dependência dos *gadgets* conectados a rede. Este fato intensificou as relações digitais, de modo que as pessoas passaram a desenvolver transtornos de ansiedade mais intensos, levando mais e mais pessoas a procurar ajuda médica.

* * *

Referências

- Adorno, T. W., 2009. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo, SP: Paz e Terra S/A.
- Bauman, Z., 2001. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

CHUANG, C., 2020. *Contágio social: Coronavírus e a luta de classes microbiológica na China*. São Paulo: Veneta.

Han, B.-C., 2015. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Han, B.-C., 2017. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes.

Han, B.-C., 2018. *No Enxame: Perspectivas do digital*. Petropolis: Vozes.

HAN, B. C., 2019. *O QUE É PODER ?*. Petrópolis, RJ: VOZES.

Folha de S.Paulo - Informação demais adoece - 21/09/2000 (2021). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2109200010.htm> (Acesso: 20 de Outubro de 2021).

Recebido 21/05/2021

Aprovado 27/12/2021

Licença CC BY-NC 4.0

